"Edição Extra" nº 72 - S. Paulo, 28-12-963

CMP 1.2.2.40-1

o professor de direito tinha duas paixões: livros e pás

Estevam de Almeida e sua esposa, D. Angelina de Andrade Almeida

CENTENÁRIO DE ESTEVAM DE ALMEIDA

CMP 1.2.2.40-2

Guilherme de Almeida

Texto de RAIMUNDO DE MENEZES

O POETA Guilherme de Almeida fala-nos com emoção sôbre a figura singular do Professor Estevam Araújo de Almeida:

— Há cem anos, exatamente a 11 de dezembro de 1863, na freguesia de Pôrto das Caixas, na província do Rio de Janeiro, nascia meu Pai. Meu avô, Antônio de Araújo Almeida, natural de Santa Maria da Palmeira, Braga, (Portugal), casou-se em Pôrto das Caixas com minha avó Idália Vieira Baptista, prima do Visconde de Itaborahy e do Poeta Nicolau Fagundes Varela.

— Quando veio êle para São Paulo?

— Meu pai fêz todo o curso ginasial no Colégio São Luís, dos Padres Jesuítas, em Itu. Matriculou-se em 1881, na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em março de 1886. Foi do 2.° ao 4.° ano redator de "A Reação", órgão conservador por excelência dos estudantes. Nomeado, nesse ano, Promotor Público de Campinas, ala licionou no famoso "Culto à Ciência". Casou-se, naquela cidade a 5 de janeiro de 1888, com minha mãe Angelina de Andrade Almeida, de ilustres troncos campineiros.

— E você, Guilherme, foi o primogênito?

— Mal nasci (24 de julho de 1890), devido a apidemia de febre amarela, passou-se meu pai com a família para Limeira, onde, além de advocacia, também exerceu o magistério. Transferiu, mais tarde, sua banca de advocacia para Rio Claro, a convite de Pinto Cesar e Rafael Corrêa, depois para Araras e novamente para Rio Claro, onde permaneceu até 1902.

— Quando se mudou para esta Capital?

— Já com volumosa clientela por larga zona do Estado de São Paulo, veio afinal estabelecer-se na Capital, montando escritório em companhia dos Drs. Antônio Ribeiro dos Santos, Oscar Moreira e João Pedro de Oliveira. Com o falecimento do primeiro, desfeita a sociedade, convidou, em Piracicaba, o Dr. Francisco Morato, estabelecendo nova banca na qual trabalhou também o Dr. João Aranha Neto e, mais tarde, ainda estudantes de Direito, praticaram Pedro Augusto de Sousa Lima, Vicente Ráo, Antônio Carlos Couto de Barros, e eu e meu irmão Tácito. Em 1909, vagando a cadeira de Direito Civil, a ela se candidatou, defendendo tese em memorável concurso do qual saiu vencedor, tomando posse da cadeira a 15 de julho de 1909.

— Conte-nos algo da vida familiar do Prof. Estevam?

— Meu pai, na intimidade, era tratado por minha mãe só pelo pronome "êle", nunca pelo pronome. "Êle já chegou"... "Êle quer falar com você"... "Não faça barulho: êle está estudando"... "Êle... Isso tinha gôsto de lar. Terminada a refeição, continuávamos — êle, minha mãe e meus irmãos — em nossos lugares, sentados. Depois de retirar o serviço, as criadas cobriam a mesa com a grande toalha de brocado remalhudo e flanja de passamanaria, e repunham ao centro a fruteira de porcelana com seus três andares decrescentes, o cartucho, lá em cima, espirrando flôres. Calmo, sob o mesmo abajur de apalipa, o lampião belga derramava do alto a sua luz carinhosa, quente, íntima. Surgiam livros escolares, cadernos, canetas, lápis. E então, cotovelos e braços sôbre a mesa, descansando, e cabeça atenta, trabalhando, ouvíamos, perguntávamos, respondíamos, aparteávamos, brincávamos, contávamos, discutíamos, brigávamos..., isto é, aprendíamos. Êle tinha fama de enérgico, severo. Seria mesmo? Não sei. Sua palavra era retida, pensada, exata. Suas mãos — as mais belas que já existiram — eram alvas, finas, leves. Mãos assim não castigam: impõem, sacramentais.

— Que achou êle quando você principiou a fazer os primeiros versos?

— Tinha êle — já o disse — fama de enérgico, severo. No entanto, mal descido eu ao campo da contenda, quando, no decisivo ponto-morto entre a infância e a adolescência, comecei a compor meus primeiros versos, ao descobrir êle em mim a tal "influência secreta" do astro — raramente fasto, quase sempre nefasto — que forma o poeta, sem o mais leve sobrecenho de cuidado, ou oposição, deu-me a ler um pequenino, consagrado volume: "Tratado de Metrificação", de Antônio Felicinho de Castilho. E, mais tarde, a meu pedido, apresentava-me a Vicente de Carvalho para que opinasse sôbre os originais de meu livro de estréia; e contratava, no Rio, com o ilustre ilustrador Correia Dias, as iluminuras para a edição "princeps"; e, sàbiamente, cioso do seu nobre ofício, numa das salas do seu escritório de advocacia, onde desde o meu terceiro ano de Faculdade já vinha eu praticando, dava-me êl, certa tarde, como advertência, esta superior lição:

— Não pense que existe qualquer incompatibilidade entre o Direito e as belas-Letras. Ao contrário. O Direito era, clàssicamente, chamado "Letras Jurídicas". É, de fato, uma carreira literária".

— Quais as predileções do Prof. Estevam?

— O verdadeiro lar é um mundo. E o nosso foi um mundo em festival. Nada saberia eu da vida se nêle não tivesse vivido. Meu pai povoara-o com duas espécies: livros e pássaros. Suas duas paixões. Estantes e viveiros... Farfalhar de fôlhas de livros, pipilar de pássaros... Ler e ouvir: e o sol nascendo do rítmo de um verso e do bico de um passarinho...